

Nota prévia sobre direitos de autor: O presente documento é uma versão PDF disponibilizada no endereço <http://sweet.ua.pt/~f711> do documento publicado segundo a referência abaixo indicada. Este documento pode ser acedido, descarregado e impresso, desde que para uso não comercial e mantendo a referência da sua origem.

COIMBRA, Rosa Lúcia & Ana Margarida Belém Nunes, “Títulos de Imprensa: que Dificuldades para o Falante de PLE?”, *Cadernos de PLE*, 2, Universidade de Aveiro, 2002, pp. 57-74.

COIMBRA, Rosa Lúcia  
NUNES, Ana Margarida Belém  
*Universidade de Aveiro*

## **Títulos de imprensa: que dificuldades para o falante de PLE?**

### **RESUMO:**

Esta pesquisa partiu da recolha de um *corpus* de títulos, retirados da imprensa portuguesa, que apresentavam várias possibilidades de leitura. Este *corpus* foi usado em sala de aula com alunos de PLE em dois dos níveis existentes no segundo semestre de 2002 na Universidade de Aveiro: intermédio e superior. Com os diversos títulos seleccionados, foi elaborada uma ficha de trabalho, na qual se pedia aos alunos que apresentassem o que julgariam ser o conteúdo das respectivas notícias. Nesta tarefa, o aluno não tinha acesso ao texto completo. Assim, pudemos analisar as dificuldades de interpretação e a forma como estas foram ultrapassadas, dado que estes títulos se encontravam desprovidos de todo e qualquer contexto.

O presente artigo descreve o método seguido e examina os resultados obtidos, procurando identificar os elementos que facilitam ou dificultam a descodificação desses textos isolados, bem como determinar os processos cognitivos e pragmáticos envolvidos nas soluções propostas.

### **ABSTRACT:**

This research is based on a corpus of headlines from the Portuguese press, which present some reading possibilities. This corpus was used in a classroom with pupils of Portuguese as a foreign language, in two of the existing levels in the second semester of 2002 in the University of Aveiro: intermediary and advanced. A quiz was made where the students were asked to present what they thought to be the content of the corresponding article. In this task, the pupils did not have access to the full text. Thus, we can analyse the difficulties of interpretation and the way they were dealt with, since these headlines were unprovided of any context.

The present paper describes the method of analysis and examines the results, in order to identify the elements that allow the decoding of these isolated texts, as well as to identify the cognitive and pragmatic processes involved in the solutions.

### **1. Introdução: O título de imprensa**

O texto escrito constitui uma das formas mais eficazes, duradouras e abrangentes de comunicar. A escrita alfabética oferece-se à sociedade actual como um instrumento imprescindível na comunicação de massas. Daí ter sido salientado o facto de ela ter sido, se não inventada, pelo menos aperfeiçoada pelos gregos, que descobriram também a democracia (PAGLIANO, 1983: 210).

Da grande quantidade produzida de textos escritos surgiu a necessidade de os individualizar e identificar. Daí a importância fundamental do título, que desempenha, à partida, entre outras funções, a de uma espécie de nome próprio de um texto particular, do seu contexto, tal como cada pessoa, cidade, etc. é individualizada e identificada com o seu nome próprio. Este, sem se confundir com o identificado,

com ele está relacionado, para ele remete e o refere.

A palavra título, etimologicamente, vem do latim *titulus* significando "inscrição", "marca"; designava a etiqueta apensa à extremidade do bastão sobre o qual se enrolava a banda de papiro que constituía o volume escrito, dispensando, assim, o acto de desenrolar para identificar o autor da obra ou o seu assunto (HOEK, 1981: 5). Designava ainda as inscrições identificativas sob o retrato dos antepassados, os epitáfios e os escritos presos ao pescoço do escravo posto à venda (MACHADO, 1991, V vol., p.309). Não deixa de ser curiosa esta associação, que também aqui encontramos, entre o próprio homem, a sua representação icónica e a sua palavra escrita.

O título surge assim, em primeiro lugar, como anúncio e rótulo. Ele não surge por si só, mas para referir algo que lhe é exterior. Quando o título anuncia um outro texto (como é o caso dos títulos de imprensa, de romances, de poemas, etc.), ele é então um metatexto, um texto que se refere e relaciona com outro texto. O acto de intitular torna-se um acto exegético e pode mesmo ser visto como um tipo de discurso crítico, como o resumo e o discurso analítico-descritivo (IAROVICI & AMEL, 1989: 443). O título não surge como uma grandeza independente mas legitima-se através do texto. Isto é particularmente claro nos títulos que não se entendem sem a leitura do texto e que só ficam claros numa leitura retrospectiva. É o caso, que aqui nos interessa, de muitos títulos de imprensa, particularmente quando são elípticos, vagos, ambíguos ou apresentam alguma dificuldade acrescida na sua descodificação, nomeadamente a presença de figuras de linguagem que operam a num nível semântico.

O título de imprensa ocupa uma posição fixa e desempenha uma função temática específica ao exprimir, geralmente, o tópico textual de maior proeminência no texto noticioso. Deste modo, ao analisar a estrutura da notícia de imprensa, Van Dijk relaciona o título, como uma categoria da superestrutura textual, com a macroestrutura como representação formal do conteúdo global do texto (1985: 69).

O título, apesar desta dependência em relação ao texto, não deixa por isso de ser uma unidade textual autónoma com vida própria. Ele é frequentemente destacado e citado, não sendo raros os casos em que o título é o único pedaço da obra que a grande parte do público conhece. Esta autonomia, no que diz respeito aos títulos das notícias, é salientada, em primeiro lugar, como acontece com qualquer título, pelo destaque tipográfico que o distancia do resto do texto e ainda pela sua leitura sem a da respectiva notícia, hábito que vem sendo cultivado pelos meios de comunicação áudio e audiovisual. Certos programas de informação dos nossos canais radiofónicos e televisivos apresentam rubricas em que o locutor lê, para o ouvinte, as manchetes dos principais diários que acabaram de sair (no caso do programa ser transmitido de manhã) ou que irão sair nas bancas no dia seguinte (no caso de programas de fim do dia). Do mesmo modo, as emissões de teletexto transmitidas por alguns canais televisivos contêm secções onde os principais títulos de imprensa do dia são transcritos, podendo vir ou não acompanhados pelo respectivo subtítulo e, em alguns casos, pelo lead da notícia ou um pequeno resumo da mesma. Um outro uso, talvez mais recente ainda, dos títulos de imprensa de um modo autónomo, desligado do corpo da notícia, é o que se verifica nas compilações de títulos ambíguos, engraçados, com jogos de palavras, etc., que muitas vezes saem publicados nos jornais diários – frequentemente sem que o redactor, devido aos condicionalismos de tempo, se dê conta desses duplos sentidos – e que se podem encontrar em diversos *sites* na Internet. Aliás, a leitura do título sem a leitura da notícia é praticada por qualquer leitor apressado que folheia um jornal. Daí a grande importância da sua redacção, já que ele pode funcionar como um estímulo à leitura do resto da notícia e mesmo, no caso das manchetes que o transeunte consegue ler nos escaparates das bancas, à própria compra do periódico. Tanto é assim, que, em geral, as manchetes mais apelativas, sensacionalistas ou de algum modo estimulantes se encontram geralmente na metade superior da primeira página, local mais visível nos escaparates em que os vendedores dobram ou sobrepõem os jornais uns aos outros, escondendo assim a segunda metade da página.

A autonomia textual do título de imprensa não se manifesta apenas através do seu destaque gráfico e do seu processo de recepção, mas está igualmente presente no momento da sua produção, quando ele é construído ou modificado aquando da paginação e composição gráfica do jornal. Assim, o

jornalista que escreve a notícia, em princípio, não será o responsável pela redacção do seu título já que a extensão deste é ditada pela disposição gráfica da notícia na página, nomeadamente o número de colunas que ocupa. O arranjo gráfico da página é trabalho dos subeditores e não dos jornalistas (RICARDO, 1989: 54).

Todas estas características do título de notícia, principalmente a sua autonomia textual e a sua importância na formação da opinião pública, fazem com que este seja um tipo textual merecedor de toda a tenção por parte da análise linguística do discurso. O problema que aqui nos ocupa é o da interpretação autónoma destes pequenos textos por parte de falantes de Português como língua estrangeira (PLE).

## 2. Resultados do inquérito

Movidas pelo propósito que acabámos de enunciar, escolhemos 12 títulos recentes da imprensa portuguesa<sup>1</sup>. Interessou-nos saber quais as estratégias utilizadas na descodificação de títulos ambíguos, vagos ou integrando figuras de linguagem operando ao nível semântico. Nesse sentido, elaborámos um inquérito constituído por duas partes e ministrado a dois grupos distintos de inquiridos.

### 2.1. Os inquiridos

O *corpus* foi usado em sala de aula com alunos de PLE em dois dos níveis existentes no segundo semestre de 2002 na Universidade de Aveiro. Este primeiro grupo de inquiridos, num total de 32 estudantes, era maioritariamente do sexo feminino e de idades compreendidas entre os 20 e os 28 anos (com a excepção de duas alunas, uma de 36 e outra de 46 anos). A língua materna mais frequente neste grupo era o espanhol (10 casos), seguida do inglês, italiano e russo (4 casos cada) registando-se, ainda falantes de língua materna japonesa, francesa, alemã, polaca e mandarim.

Os resultados do inquérito ministrado ao primeiro grupo foram confrontados com os obtidos num segundo grupo constituído também por universitários, alunos de licenciatura da Universidade de Aveiro, com um perfil etário semelhante aos do primeiro grupo, mas, ao contrário daqueles, todos de língua materna portuguesa (PLM). Os inquiridos de PLM, num total de 39 estudantes, eram maioritariamente do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 20 e os 25 anos.

Podemos, pois, concluir que os dois grupos apresentavam um perfil próximo no que respeita ao número de inquiridos, sua faixa etária, sexo e nível sócio-cultural. Esta homogeneidade é importante, quando o que aqui se pretendeu testar foram apenas as diferenças de interpretação textual entre o falante de PLE e o de PLM perante uma situação de comunicação idêntica, a da leitura dos títulos de imprensa portuguesa.

### 2.2. O corpus

Com os objectivos acima enunciados, escolhemos os seguintes 12 títulos recentes publicados na imprensa portuguesa:

T1 - A BOLA DE NEVE VERMELHA
T2 - CRIANÇA LEVA JORGE SAMPAIO A NOVA IORQUE
T3 - AGORA E NA HORA...
T4 - GOVERNO POSSUI "ALMOFADAS" FISCAIS PARA 2002
T5 - DURÃO TROCA DESCENTRALIZAÇÃO PELO APERTAR DO CINTO
T6 - MAR ENCAPELADO DÁ BANHO AOS "GALOS"
T7 - EURONEXT LISBOA FECHOU NA "LINHA DE ÁGUA"
T8 - FECHAR OS OLHOS NA ESTRADA

<sup>1</sup> A recolha foi feita entre os dias 11 de Abril e 9 de Maio de 2002 nos seguintes órgãos de informação: revista *Visão*, jornais *Público* e *Diário de Aveiro*

T9 - “GOLPE” NO JOGO ILEGAL  
T10 - GUERRA PACÍFICA NO ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA  
T11 - TRÊS VEZES BASQUETEBOL  
T12 - RESTAURANTE LONDRINO TEM ESQUILOS AO JANTAR

Estes títulos foram fornecidos numa folha (inquérito 1), desprovidos de qualquer contexto, na qual se pedia aos inquiridos que indicassem, para cada um, o que lhes parecia ser o conteúdo das respectivas notícias.

Seguidamente, e depois destes primeiros inquéritos recolhidos, foi distribuído um segundo inquérito (inquérito 2) em que cada título surgia acompanhado de um contexto mínimo. O contexto escolhido foi o da imagem ilustrativa da notícia, quando existia e/ou de outros elementos do cabeçalho para além do título, ou seja, antetítulos e/ou subtítulos. A escolha destes elementos não foi arbitrária. De facto, quisemos manter o princípio de que é muito frequente a leitura apressada, o folhear, o “dar uma vista de olhos” pelo jornal. Neste processo, muita informação é captada sem a leitura do corpo da notícia. Assim, os outros elementos, para além do título, que mais despertam a nossa atenção são, sem dúvida, as imagens e os elementos textuais curtos e graficamente destacados junto aos títulos. Deste modo, o corpus que deu origem ao inquérito 2 foi o seguinte:

Título T1: A BOLA DE NEVE VERMELHA

Antetítulo: PCP

Foto: panorâmica do congresso

Título T2: CRIANÇA LEVA JORGE SAMPAIO A NOVA IORQUE

Antetítulo: Assembleia Geral da ONU

Foto: o aperto de mão entre Jorge Sampaio e Kofi Annan, com o símbolo da ONU ao fundo

Título T3: AGORA E NA HORA...

Antetítulo: Livro

Foto: Inês Pedrosa segurando o livro, em cuja capa se lê o seu nome e o respectivo título “Fazes-me falta”

Título T4: GOVERNO POSSUI “ALMOFADAS” FISCAIS PARA 2002

Subtítulo: ISP, IRC e IVA podem estar subestimados

Foto: reunião de ministros

Título T5: DURÃO TROCA DESCENTRALIZAÇÃO PELO APERTAR DO CINTO

Subtítulo: XIII congresso da ANMP

Foto: a mesa do congresso

Título T6: MAR ENCAPELADO DÁ BANHO AOS “GALOS”

Foto: imagem do jogo de futebol

Título T7: EURONEXT LISBOA FECHOU NA “LINHA DE ÁGUA”

Antetítulo: Com a menor liquidez do ano

Foto: edifício da Microsoft

Título T8: FECHAR OS OLHOS NA ESTRADA

Antetítulo: Corrupção

Foto: homens trajados à civil, na estrada junto a uma viatura

Título T9: “GOLPE” NO JOGO ILEGAL

Antetítulo: Operação “Roleta russa 2002” culmina

Título T10: GUERRA PACÍFICA NO ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Foto: obstáculos insufláveis e homens, armados com o equipamento de paintball, correndo no estádio

Título T11: TRÊS VEZES BASQUETEBOL

Antetítulo: Cerca de 400 alunos divertiram-se com a prática da modalidade

Foto: jovens a jogar basquetebol

Título T12: RESTAURANTE LONDRINO TEM ESQUILOS AO JANTAR

Subtítulo: Animais são praga no Reino Unido

Foto: um esquilo numa árvore

Neste inquérito 2, pedia-se aos informantes que, no caso de pretenderem reformular ou acrescentar algo a alguma das interpretações da folha anterior, o fizessem, também em poucas palavras.

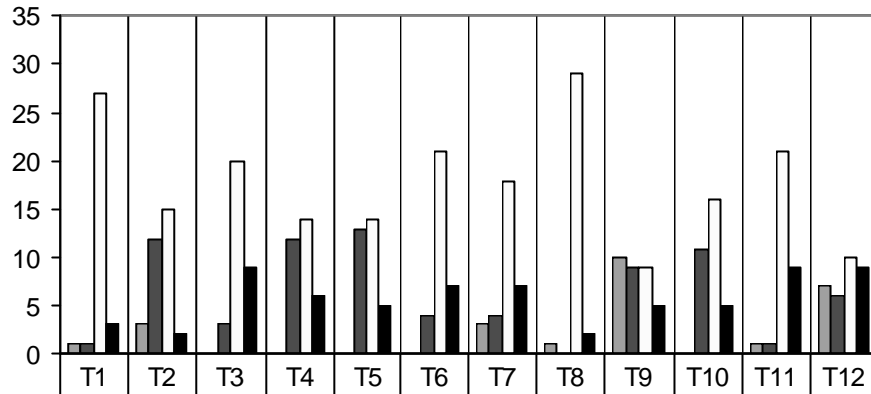
### 2.3. Análise dos resultados

Depois de recolhidos os inquéritos, o corpus foi analisado e os resultados compilados em gráficos de frequências absolutas. No tratamento dos dados, optámos por confrontar as respostas dadas pelos informantes, com a interpretação pretendida pelo redactor do texto, confirmada, evidentemente, pela sua leitura integral, a que os inquiridos não tiveram acesso. Desse confronto, estabelecemos um conjunto de quatro parâmetros possíveis para classificar cada resposta:

- Descodificação total – esta classificação foi dada às respostas que mostravam que o informante tinha sido capaz de interpretar correctamente o título e, portanto, o assunto da notícia;
- Descodificação parcial – classificação usada para respostas muito vagas ou que acertaram apenas parte dos conteúdos transmitidos no título (omitindo ou errando outra parte);
- Outra interpretação – classificação utilizada para as respostas que apresentavam interpretações do título que não estavam, de facto, relacionadas com o seu conteúdo e o da respectiva notícia;
- Não responde – a ausência de resposta tinha significados diferentes nos dois inquéritos: no primeiro, significava que o inquirido não conseguiu fornecer uma interpretação possível para o título; no segundo, podia ter esse mesmo significado ou então, simplesmente que o informante não pretendeu alterar a resposta dada no inquérito 1.

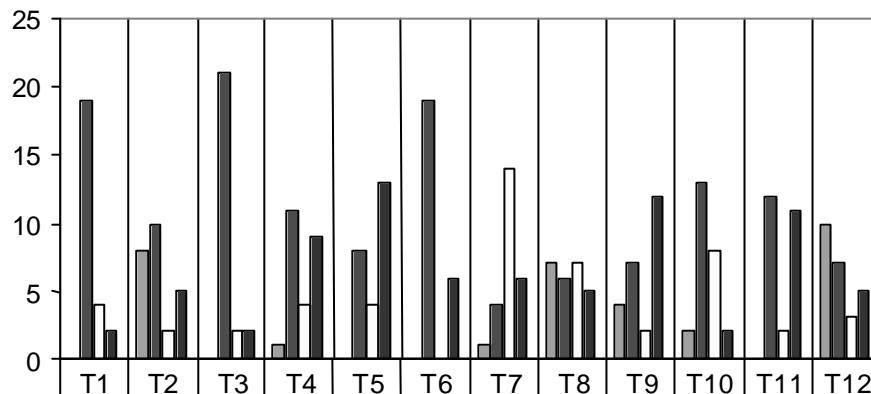
Analisando cuidadosamente o total de 1.704 respostas, divididas pelos dois grupos e pelos dois inquéritos ministrados, aplicámos a classificação apresentada e obtivemos os resultados que sumariamos nos gráficos 1 a 4. Os dois primeiros gráficos dizem respeito aos falantes de PLE e, respectivamente, ao primeiro e segundo inquéritos; os gráficos 3 e 4 referem-se aos resultados obtidos pelos falantes de PLM, igualmente respeitantes, respectivamente, ao primeiro e segundo inquéritos.

**Gráfico 1 (PLE- inquérito 1)**



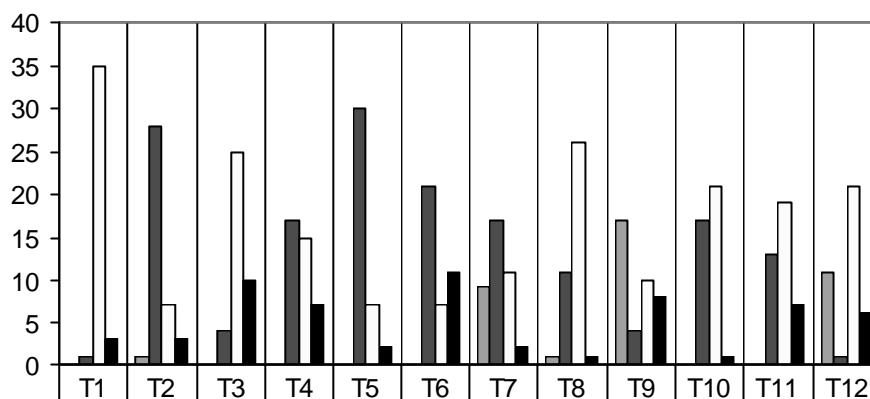
	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10	T11	T12
■ Descodificação total	1	3	0	0	0	0	3	1	10	0	1	7
■ Descodificação parcial	1	12	3	12	13	4	4	0	9	11	1	6
□ Outra interpretação	27	15	20	14	14	21	18	29	9	16	21	10
■ Não responde	3	2	9	6	5	7	7	2	5	5	9	9

**Gráfico 2 (PLE - inquérito 2)**



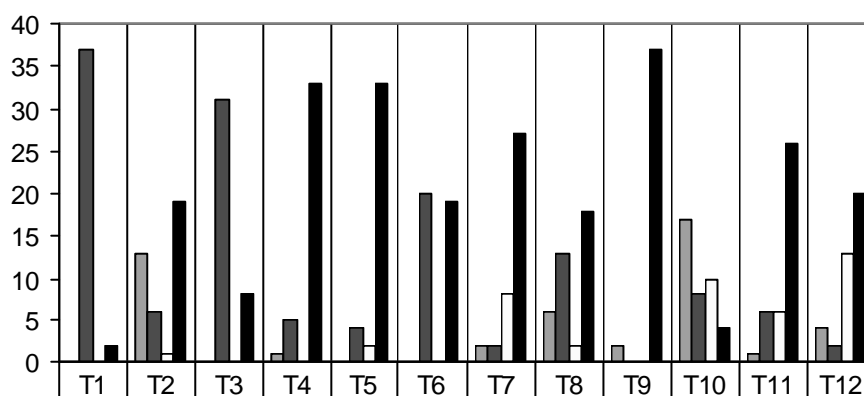
	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10	T11	T12
■ Descodificação total	0	8	0	1	0	0	1	7	4	2	0	10
■ Descodificação parcial	19	10	21	11	8	19	4	6	7	13	12	7
□ Outra interpretação	4	2	2	4	4	0	14	7	2	8	2	3
■ Não responde	2	5	2	9	13	6	6	5	12	2	11	5

**Gráfico 3 (PLM - inquérito 1)**



	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10	T11	T12
■ Descodificação total	0	1	0	0	0	0	9	1	17	0	0	11
■ Descodificação parcial	1	28	4	17	30	21	17	11	4	17	13	1
□ Outra interpretação	35	7	25	15	7	7	11	26	10	21	19	21
■ Não responde	3	3	10	7	2	11	2	1	8	1	7	6

**Gráfico 4 (PLM - inquérito 2)**



	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10	T11	T12
■ Descodificação total	0	13	0	1	0	0	2	6	2	17	1	4
■ Descodificação parcial	37	6	31	5	4	20	2	13	0	8	6	2
□ Outra interpretação	0	1	0	0	2	0	8	2	0	10	6	13
■ Não responde	2	19	8	33	33	19	27	18	37	4	26	20

Uma leitura global dos gráficos 1 e 3 mostra que, no que diz respeito ao inquérito 1, ou seja, quando os informantes foram confrontados com os títulos de imprensa desprovidos de qualquer contexto, os resultados foram bastante melhores no grupo de PLM. Assim, enquanto que este grupo apresentou, em metade das questões, uma maioria de respostas com descodificação total ou parcial, essa situação só ocorreu em relação ao título T9 para os falantes de PLE, tendo todos os outros obtido uma maioria de respostas com outras interpretações.

No que respeita ao segundo inquérito, o predomínio das outras interpretações verifica-se apenas no título T7 no grupo de PLE. Esta notória melhoria nas interpretações textuais evidencia a importância do contexto na descodificação de um texto tão pequeno e incisivo como o título de

imprensa.

Nesta pesquisa, no entanto, não nos interessou tanto apurar as diferenças de resultados obtidos pelos falantes de PLE em relação aos de PLM, mas tivemos como objectivo principal a identificação das dificuldades com que o falante de PLE se depara na situação de comunicação em causa. Assim, e dado o corpus em análise, as principais dificuldades encontradas foram: a presença de linguagem metafórica e metonímica, expressões idiomáticas, ambiguidade frásica, vaguidade, referências culturais específicas. Vejamos cada um destes problemas em particular.

### **a) Linguagem metafórica e metonímica**

Vários títulos do corpus incluem a utilização de expressões em sentido metafórico, ou seja, expressões que, pertencendo à partida a um determinado domínio conceptual, são projectadas num domínio conceptual diferente, em virtude de traços comuns, criando, neste processo, um novo espaço mental de mesclagem conceptual, resultante da amálgama dos dois anteriores<sup>2</sup>. Este processo está bem patente nos títulos T1, T4, T6, T7, T9 e T10.

Em todos os casos, o erro de interpretação mais comum foi o resultante de uma leitura literal do enunciado metafórico. Assim, por exemplo, em T1, a expressão “bola de neve” refere metaforicamente, segundo o texto, o processo imparável de renovação no partido comunista português, sendo o adjectivo “vermelha” metonimicamente (ou seja, em virtude de uma relação de contiguidade no mundo extra-linguístico) associada a este partido. Esta leitura figurada que se impunha foi, na maior parte dos casos, substituída por uma interpretação literal das palavras<sup>3</sup>:

- (1) *Por causa de um avalanche, havia pessoas feridas e sangue no neve.*
- (2) *Havia um acidente num país onde há muito neve, e a bola de neve vermelha é neve colorado por sangue.*
- (3) *Terrível acidente por causa da neve.*

Além da literalização, outras interpretações desviantes da pretendida no contexto são as que resultam da associação metafórica a outras realidades não presentes na notícia<sup>4</sup>:

- (4) *Nesta altura há muita guerra no mundo.*
- (5) *Acho que o conteúdo são de um vulcão que está em erupção.*
- (6) *Quando um cometa está pelo céu à vista é similar a uma bola de neve.*

Quanto ao adjectivo “vermelha”, em T1 metonimicamente associado ao PCP, foi alvo de duas interpretações erróneas diferentes. Numa delas, foi entendido no seu sentido literal e atribuído ao substantivo “bola”, em vez de “neve”, interpretando-se esta última como o cenário de um jogo de bola:

---

<sup>2</sup> Sobre uma teoria cognitiva da metáfora, ver, por exemplo, TURNER & FAUCONNIER, 1998.

<sup>3</sup> Os exemplos de resposta fornecidos pelos alunos são aqui transcritos tal como foram produzidos, incluindo eventuais erros ortográficos e de construção frásica.

<sup>4</sup> Este processo é comum e induz frequentemente em erro os leitores apressados dos títulos metafóricos. Uma pesquisa anterior sobre a leitura de títulos de notícias isolados do contexto em falantes de PLM, permitiu destacar as diversas dificuldades de processamento textual e concluir que “A ocorrência da metáfora revelou-se como um dos obstáculos mais frequentes(...). A presença desta figura, que afecta o significado transmitido pelo enunciado discursivo, conduziu por vezes os leitores a uma interpretação incorrecta da mensagem, quer através de uma leitura literal do título, quer pela atribuição de significados não pretendidos. Este último caso foi muito mais frequente que o primeiro, o que se explica pelo facto de que as leituras literais, resultando de algum modo absurdas ou pouco prováveis, levam ao reconhecimento da necessidade da busca de um outro sentido não explicitado” (PARKER & COIMBRA, 1993: 395)



- (7) *O artigo fala de um partido que foi jogado num campo com neve, em isto caso joga-se com um bola vermelha para distinguir-a.*
- (8) *Quando o time de futebol do Portugal jogou última semana em Alemanha elas jogaram primeira vez com uma bola na cor vermelha porque antes do jogo foi nevando.*

Na outra interpretação, os alunos entenderam que haveria uma associação metonímica a descodificar e propuseram diversas hipóteses de interpretação, relacionando com sangue, como vimos nos exemplos (1) a (4), ou ainda com outras realidades associadas a essa cor, como é o caso do vulcão, em (5), e do cometa, em (6), ou mesmo do Benfica, como no seguinte exemplo de resposta:

- (9) *Um artigo sobre Benfica (futebol clube) que perdeu a taça.*

Curiosamente, apenas um aluno relacionou a cor vermelha ao Benfica, ao passo que entre o grupo de alunos de PLM esta associação foi feita por 21 dos inquiridos. Esta é sem dúvida uma diferença de resultados que tem a sua origem na diversidade cultural entre os dois grupos.

Os mesmos mecanismos de descodificação que identificámos em relação a T1 foram encontrados nos outros títulos com linguagem metafórica e metonímica, ou seja, em todos os casos, e principalmente dada a ausência do contexto, é frequente encontrarmos literalizações ou associações a domínios conceptuais ausentes no texto original. Esta última opção é mais frequente do que a primeira quando os termos figurados se encontram assinalados entre aspas. Estas constituem como que uma ordem para uma interpretação não literal. É o que acontece nos exemplos T4, T6, T7 e T9.

## **b) Expressões idiomáticas**

As expressões idiomáticas, sendo elementos textuais cujo sentido global não pode ser determinado a partir da soma dos sentidos dos lexemas que os compõem<sup>5</sup>, colocam particulares dificuldades na aprendizagem de uma língua estrangeira.

No corpus em análise nesta pesquisa, incluímos quatro títulos com expressões idiomáticas: “apertar o cinto” significando poupar (em T5); “dar banho a” com o sentido de ganhar inequivocamente num jogo desportivo (em T6), “na linha de água” significando sem prejuízo nem lucro significativos na bolsa de valores (em T7), “fechar os olhos” com o significado de não punir o prevaricador, neste caso referindo-se a polícias de trânsito subornáveis (em T8).

Tal como aconteceu com as expressões metafóricas e metonímicas, também estas quatro expressões idiomáticas foram literalizadas por alguns dos inquiridos. Vejamos um exemplo para cada um dos casos referidos:

- (10) *Governo para causa do segurança é obrigatório pôr cinto sempre quando gentes estão dentro do carro. Lei. (T5)*

- (11) *Uma alta maré bastante alta (mais do que o normal) inundou uma criação de frangos, que tiveram que nadar como patos. (T6)*

- (12) *Inundação força o encerramento do Eutonext Lisboa. (T7)*

---

<sup>5</sup> Este sentido coincide com a noção de *frasema completo* na teorização de Mel’cuk. Para este autor, o *frasema completo*, o *frasema pragmático*, o *semi-frasema* e o *quase-frasema* constituem os quatro tipos de *frasema*, ou seja, “Un phrasème de la langue L est une expression multilexémique de L qui ne peut pas être produite, à partir d’une situation donnée ou d’un sens donné, selon un dictionnaire de mots de L et à partir des règles générales standard de L” (1993: 83).

(13)*Fala das causas e conseqüências de gente que fica adormecida ao volante.* (T8)

E tal como na alínea anterior, também no que respeita às expressões idiomáticas as interpretações erróneas podem advir da sua literalização, como acabámos de ver, mas também de hipóteses de interpretação que, dada a ausência do cotexto, acabam por ser com ele incoerentes. Vejamos um exemplo para cada uma das expressões referidas:

(14)*O primeiro ministro será mais exigente para que se trabalhe melhor e mais.* (T5)

(15)*A empresa tem banca rota.* (T6)

(16)*Uma empresa acaba uma colecção de vestidos.* (T7)

(17)*As pessoas quando veem uma notícia na TV sobre algum acidente, já estão acostumadas y já não prestam atenção é como sin fecharam os olhos.* (T8)

As expressões idiomáticas, quando utilizadas nos títulos de imprensa, exigem mais do leitor do que o simples conhecimento da língua. Elas fazem aumentar no leitor que as descodifica um sentido de pertença a uma comunidade linguística e cultural, neste caso a portuguesa, e, conseqüentemente, um sentimento de cumplicidade e partilha. Essa poderá ser uma dificuldade para o falante de PLE e prova que, também neste aspecto a aprendizagem da língua não pode ser totalmente separada da cultura do povo que a partilha.

### **c) Ambiguidade frásica**

O fenómeno da ambiguidade, quer no nível da palavra, quer no nível da frase, permite uma economia de meios no domínio da língua, já que os mesmos elementos linguísticos poderão ser portadores de diversos sentidos, sendo o contexto (e o cotexto) fundamentais na identificação do sentido relevante numa dada situação de comunicação.

Os títulos T2 e T12 são portadores de ambiguidade já que podem, se ignorarmos o seu contexto, veicular mais do que um sentido. No primeiro, poderíamos entender “criança” como o agente do verbo “levar” e, nessa interpretação, o título significaria que uma criança viajou com o presidente até Nova Iorque. Outra interpretação (que seria a pretendida, dada a notícia em questão) a “criança” seria entendida como o motivo pelo qual Jorge Sampaio efectuou a sua viagem. No título T12, por sua vez, poderemos entender “esquilos” como os convivas a quem a comida é servida ou (e essa é a interpretação relevante) como constituindo um prato que os clientes do restaurante podem saborear.

Os resultados do nosso inquérito mostram que, quando há a possibilidade de entender diversas interpretações da mesma frase, sem a ajuda do contexto, o leitor poderá optar por uma ou por outra, sendo que esta escolha é muitas vezes determinada pela sua visão do mundo, projecção de vivências e convicções. É assim que, em T12, alguns dos inquiridos fizeram questão de frisar que os esquilos não poderiam ser uma iguaria pois isso seria demasiado chocante. Quando muito, admitiam que o prato tivesse resultado de um erro ou acidente:

(18)*Nem pensar na ideia de comer os coitados dos animalinhos, estes animais só amenizam os jantares num restaurante decorado ao estilo das antigas colónias americanas.*

(19)*Esta notícia foi escrita no dia 1 de Abril.*

(20)*Horrível! Mas talvez, era só um esquilo que entrou por acaso no restaurante.*

(21)*Havia um erro num restaurante Londrino e o cozinheiro-chefe cozinhou um esquilo em vez de um galinha.*

Estas respostas, apesar de exprimirem essa ideia de que se trata de uma situação anómala, admitem que a notícia será sobre os esquilos como um prato servido no restaurante. No entanto, alguns alunos optaram mesmo pela interpretação de que os esquilos seriam os comensais. Uma vez que esta não seria, igualmente, uma situação vulgar, tentaram juntar uma possível explicação para o fenómeno:

(22)*Os famosos esquilos dos parques de Londres tomaram a iniciativa na guerra contra os cidadãos e invadiram um restaurante na procura de uma comida que não seja nozes.*

(23)*Um grupo de esquilos cheios de fome entrou em um restaurante.*

(24)*No perto no restaurante londrino encontram-se esquilos. Cuidado! Roubam os pratos.*

A ambiguidade frásica constitui, portanto, um possível obstáculo na leitura dos títulos de imprensa, podendo levar o receptor a optar por uma interpretação não coerente com o corpo da notícia. Este problema também se coloca aos falantes de PLE, como podemos constatar observando a última coluna do gráfico 3.

#### **d) Vaguidade**

O fenómeno da vaguidade distingue-se do da ambiguidade, uma vez que, enquanto que esta última indica uma situação em que o mesmo elemento linguístico pode originar duas ou mais leituras incompatíveis, o primeiro significa que o pedaço de discurso não fornece informação suficiente para que o receptor possa com segurança optar por uma interpretação. É o caso dos títulos T3 e T11, os quais, sem contexto não permitem ao leitor saber a que se refere respectivamente “Agora e na hora...” e “Três vezes basquetebol”. Assim, ao contrário dos títulos anteriores, em que as interpretações se dividiam entre os sentidos possíveis da frase ambígua, em relação a estes dois, as interpretações foram bem mais variadas, consistindo em hipóteses de leitura através de associações conceptuais muito diversas.

O título T3, “Agora e na hora...”, encima uma notícia sobre o lançamento do livro *Fazes-me falta* de Inês Pedrosa, um romance onde se estabelece um diálogo entre uma mulher que acaba de morrer e um homem bastante mais velho. O título da notícia sugere esta ideia de morte ao evocar um fragmento de uma conhecida oração a Maria, “agora e na hora da nossa morte”. O conhecimento desta oração era, pois, fundamental no processo de extracção do significado *morte*, já que este lexema se encontrava elidido pelas reticências. Muitos alunos conseguiram, de facto, reconstruir essa relação, identificaram a referência à oração e à ideia de morte mas, como seria de esperar, não possuíam elementos que os levassem à notícia do lançamento do livro. Esta impossibilidade não tem a ver com o domínio da língua, já que os resultados (ver gráficos 1 e 3) foram muito semelhantes no grupo de PLE e de PLM. Os alunos de PLE foram bastante imaginativos nas associações que fizeram, principalmente aqueles que não relacionaram o título com a oração e, conseqüentemente, com a ideia de morte. Alguns manifestaram explicitamente a dificuldade de interpretação sentida, como podemos ver no exemplo (28) abaixo. Alguns exemplos de resposta:

(25)*A moda sempre circula. Nesse artigo, vamos comparar a moda no século XIX e a moda moderna. A moda moderna também se ve na moda antiga.*

(26)*Proposta para melhorar a pontualidade dos comboios.*

(27)*Esta notícia fala sobre a situação em Portugal agora e no futuro.*

(28)*Isso pode ser qualquer coisa! Não é uma frase de uma oração? Talvez fala-se sobre o tempo...*

(29)*Eu acho que a notícia fala de Fátima.*

O título T11 “Três vezes basquetebol” refere-se a um torneio chamado Sunny D 3X3 em que se apuravam três equipas de cada escalão para a final. A referência ao desporto era bastante clara, mas o sentido da expressão “três vezes” era tão vago que não foi entendido, nem no grupo de PLE nem do de PLM (excepção feita para um aluno que se referiu a três equipas). A maioria das interpretações não soube explicar a expressão “três vezes” e as tentativas foram em sentidos muito diversificados. Exemplos:

(30)*Uma equipa ganha a taça por três vezes.*

(31)*Sondagem anuncia que a popularidade do desporto aumenta por 300% nos últimos dez anos.*

(32)*Em Aveiro vai ter competição e durante este competição vão ter três jogos de basquetebol.*

(33)*O melhor jogador de Portugal falhou três vezes desde um metro.*

(34)*A equipa de basquetebol portuguesa ganhou por a terceira vez um lugar para os mundiais.*

Nesta diversidade de hipóteses, encontramos em comum os sentidos, veiculados pelo título, de que se trata de basquetebol e de que há algo que se repete três vezes. Mas, uma vez que não fica explícito o que é que se repete, o leitor tende a formular a sua hipótese.

Tal como acontece com os títulos ambíguos, também na leitura dos títulos vagos, o contexto imediato é determinante na formulação das hipóteses de leitura.

### **e) Referências culturais específicas**

Aprender uma língua é muito mais do que simplesmente dominar umas quantas regras de gramática e um vocabulário que se vai enriquecendo aos poucos. As mensagens linguísticas que contêm referências culturais, como vimos no caso das expressões idiomáticas, colocam um desafio adicional à aprendizagem do PLE.

De facto, ao lermos as respostas do grupo de PLE em confronto com as do grupo de PLM, encontramos no primeiro grupo muito mais do que algumas falhas a nível do conhecimento linguístico-gramatical. Respostas como as seguintes mostram que o falante de PLE pode não descodificar correctamente um título simplesmente porque este faz uma alusão a uma realidade que ainda não lhe é totalmente familiar. Esta questão deve ser distinguida da do domínio linguístico, embora uma separação nítida não seja, evidentemente, possível,

(35)*Os seguidores do Sporting conseguem cada vez mais sócios por o clube, é algo que continua a crescer. (T1)*

(36) *Quem é Jorge Sampaio? A criança pode ser um filho do que ele antes não conhecia existencia e tive que ir aí para encontrá-lo.* (T2)

(37) *No dia 13 de Maio em Fátima chegaram os peregrinos para celebrar o dia de São João.* (T3)

(38) *Por causa da inundação, Euronext, uma loja em Lisboa, tinha de fechar.* (T7)

Um fenómeno que ocorre também com alguma frequência é o da projecção dos conhecimentos sobre as outras culturas, especialmente da de origem. Como exemplo, podemos referir que, em relação ao título T6 - MAR ENCAPELADO DÁ BANHO AOS “GALOS”-, o qual fala da vitória do Gafanha ao recreio de Águeda (cujos jogadores são conhecidos como os “galos do Botaréu”), encontramos interpretações para “galos” muito diferentes para os grupos de PLE e de PLM. Assim, enquanto que nos segundos se coloca a hipótese de se tratar de Barcelos, Galitos (um clube de Aveiro), entre os alunos de PLE, e só nesse grupo, surgem várias respostas que fazem uma associação com França.

### 3. Conclusão

Nesta pesquisa, verificámos que a leitura de títulos de imprensa sem a ajuda do contexto pode levar a interpretações anómalas, incompletas ou mesmo à total incapacidade de descodificação.

Fenómenos como a presença de linguagem metafórica e metonímica, utilização ou alteração de expressões idiomáticas, frases ambíguas ou vagas, podem fazer aumentar estas dificuldades. Em todos os casos, os elementos culturais e conceptuais que fazem parte da memória colectiva em que o leitor implícito do texto à partida se insere são determinantes na formulação de hipótese de leitura destes pequenos textos.

Conscientes de todas estas dificuldades, o professor de PLE poderá, em primeiro lugar, tornar os alunos conscientes das mesmas, a fim de as poderem trabalhar. O exercício que aqui apresentámos poderia ainda ser levado mais longe. Depois de termos fornecido os títulos isolados (inquérito 1) e de os termos feitos acompanhar de um contexto imediato mínimo, ou seja, dos respectivos subtítulos e/ou antetítulos e fotografias (inquérito 2), poder-se-ia passar a uma terceira fase. Aí seria fornecida aos alunos a totalidade das notícias e a leitura anterior seria mais uma vez reformulada. Completar-se-ia, desse modo, o movimento retrospectivo que a interpretação de um título sempre exige.

### 4. Referências bibliográficas

HOEK, Leo H., 1981, *La Marque du Titre: Dispositifs Sémiotiques d'une Pratique Textuelle*, La Hague/Paris/New York: Mouton Publishers.

IAROVICI, E. & AMEL, R., 1989, 'The Strategy of the Headline', *Semiotica*, 77-4, pp. 441-459.

MACHADO, José Pedro (coord.), 1991, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 6 vols., Lisboa: Publicações Alfa.

MEL'CUK, Igor, 1993, 'La Phraséologie et son Rôle dans l'Enseignement/Apprentissage d'une Langue Étrangère', *Études de Linguistique Appliquée*, 92, pp. 82-113.

PAGLIANO, Antonino, 1983, *A Vida do Sinal: Ensaio sobre a Língua e outros Símbolos*, 2ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PARKER, John & COIMBRA, Rosa Lídia, 1993, "Os Títulos de Imprensa Revisited", in: *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp. 391-401.

RICARDO, Daniel, 1989, *Manual do Jornalista*, Lisboa: Edições "O Jornal".

TURNER, Mark & FAUCONNIER, Gilles, 1998, 'Metaphor, Metonymy, and Binding', in: António Barcelona (coord.), *Metonymy and Metaphor*, Mouton de Gruyter.

VAN DIJK, Teun A. (coord.), 1985, *Discourse and Communication : New Approaches to the Analysis of Mass Media Discourse and Communication*, Berlin/New York: Walter de Gruyter.

## **5. Agradecimentos**

Agradecemos aos alunos das turmas de PLE (2001/02) e das licenciaturas em ensino de línguas (3º ano, 2001/02) da Universidade de Aveiro, que colaboraram connosco, respondendo aos dois inquéritos ministrados.